



Fazenda da Cachoeira

Uma minicidade industrial

36

Prof.^a Leila Vilela Alegrio

Não seria possível começar a trajetória da Fazenda da Cachoeira sem mencionar aquele que iniciou ali a plantação dos primeiros pés de café. O pioneiro naquelas terras foi Francisco José Teixeira Leite, futuro barão de Vassouras, que chegou à região no primeiro quartel do século XIX. Ele era um dos muitos filhos do primeiro barão de Itambé, Francisco José Teixeira, de importante família mineira, que mais tarde se espalhou por todo o Vale do Paraíba. Francisco José Teixeira Leite casou-se em primeira núpcias com dona Maria Esméria Candida Teixeira Leite, que faleceu em 1850, deixando o viúvo e sete filhos.

O inventário *post-mortem* de dona Maria Esméria nos permite ter ideia precisa de quem foi Francisco José Teixeira Leite. Em uma petição ao juiz, ele solicitou licença para vender a fazenda por não ter “vocaçãõ” para fazendeiro, como dizia, além de outras razões, justificando tal pedido expondo o que aconteceria com as terras que era a parte de maior valor na fazenda:

vindo a caber a cada um somente a divisãõ em tão pequeno terreno, desarranjarã a todos, fazia perder todo o merecimento da fazenda, ao passo que, não daria verdadeiro interesse a ninguém.

Reafirma ainda:

... o sistema de lavoura de nosso país, que exige indispensavelmente para plantaçãõ bons matos daqui a dez e quatorze anos, quando os últimos menores pudessem receber o seu quinhãõ, estaria este terreno, tão diminuto para cada um, completamente safado e estragado, não tendo quase valor algum.

Porém, o que mais chama a atenção é sua visão “futurista” da lavoura cafeeira ao afirmar:

Tudo o mais como escravos, animais, móveis, casas, plantações, benfeitorias, tudo é muito frágil e caduco sujeito a perecer, a extinguir-se e deteriorar-se dentro de pouco tempo.

...Com efeito, os cafezais, que hoje existem, e dão algum resultado daqui a seis ou quatorze anos, estarão reduzidos a capoeira e sem valor algum, os escravos, terão morrido quase todos, outros envelhecidos, e outros fugidos e outros reduzidos a estado de perfeitamente inválidos.

A falta de aptidão de Francisco José Teixeira Leite para lavrador, ou fazendeiro, fica ainda mais clara, efetivamente, diante da afirmativa do juiz:

Enfim o suplicante foi sempre mais comerciante e capitalista do que fazendeiro, tendo o estabelecimento agrícola mais por passatempo do que por interesse e tanto o que o seu capital circulante em dívidas andou como se vê do balanço a fl. 21 de 1:047:996\$217. Ao passo que terá a

avaliação da fazenda com todos os seus anexos e pertences subiu pouco mais de um décimo, a soma de 184:479\$240.

A verdade é que já era sua intenção vender a fazenda, e essa decisão ficaria mais fácil se o juiz decidisse que os herdeiros ficariam tão somente com as dívidas ativas “boas”.

Fato é que a partilha foi feita no ano de 1860. Entretanto, segundo o periódico Diário do Rio de Janeiro de 1857, a fazenda já pertencia a sua prima Maria Esmeria Teixeira, que possuía outra fazenda em S. João del Rei, mas que, após o falecimento do marido, resolveu estabelecer-se em Vassouras, para onde boa parte da parentela dos Teixeiras Leite estavam indo morar, adquirindo assim a Fazenda da Cachoeira, depois de vender sua propriedade em Minas Gerais.

Em seguida, seu filho João Nepomuceno Teixeira, que também possuía fazenda em São João del Rei, depois de enviuvar, junta-se à mãe na Fazenda da Cachoeira, firmando uma sociedade da qual faziam parte alguns bens de João e de sua mãe, dona Maria Esméria.

João casa-se pela segunda vez com dona Affonsina Candida Teixeira, que faleceu em 1863, e a sociedade estabelecida entre filho e mãe passa então a vigorar entre a sogra (dona Maria Esméria) e a nora (dona Affonsina).

Três anos mais tarde, dona Maria Esméria falece, e dona Affonsina então casa-se com o médico italiano Antônio Carlos Lazzarini, com total separação de bens, conforme um contrato antenupcial.

Pode-se dizer que foi a partir daí que a fazenda tornou-se uma verdadeira miniindústria.

Até aqui falei apenas das famílias, mas... e a fazenda? Tentarei resumir como foi a sua evolução até a posse dos herdeiros, em 1891, quando enfim foi vendida para a Companhia Brazil Agricola.

Até 1850, quando a fazenda era de Francisco José Teixeira Leite, a propriedade possuía uma sesmaria em terras, 162 escravos, 250 mil pés de cafés, a casa de vivenda — avaliada em 4 contos de réis —, um terreiro de pedra para secar café, poucas e rudes máquinas para beneficiamento de café e uma enfermaria. De 1853 até 1866, período em que a fazenda pertenceu a dona Maria Esméria Teixeira, havia 136 escravos e 196 mil cafeeiros, e somente se verifica a presença de um hospital novo e a instalação de dois despoldadores. A partir de então, a fazenda apresenta um desenvolvimento considerável, pois dona Affonsina casa-se com o médico Antonio Lazzarini, que começa a implementar uma grande transformação nas terras, como se pode ver no inventário *post-mortem* de dona Affonsina, aberto em 1886, no qual se destacam 290 mil pés de café e apenas 78 cativos. As estruturas para beneficiamento de café foram assim descritas:

Uma casa bem construída, contendo diferentes machinas, a saber: machina para beneficiamento e preparo de café — roda

motora de ferro com transmissão geral para o movimento das diversas machinas — descascador americano no 3, pilões, ventilador dobrado, trez ventiladores singelos; machina divisora do; separador americano; meza grande para escolha do café; bancos. Caixões para deposito do café preparado e da escolha; transmissões parciaes; elevadores e conductores precisas ao serviço authomático das respectivas machinas, uma varanda annexa a mesma casa com descascador de milho; moinho de fubá; moinho de café torrado e seos respectivos depositos; machina limpadora de café em côco, tulhas para feijão e café; transmissões e elevadores precisos a todas as mesmas machinas.

Havia ainda:

Uma casa de sobrado bem construída com alicerces e pilar de pedra, contendo as machinas seguintes: para o preparo de arroz — machina cuja por onde passa o arroz em casca antes de ir a moega do Sbrameico (sic) machina divisória do marcinheiro, dois pilões de pedra a excêtricos para limpa, trez separadores, sendo um delles especial eliminação das pedras e dois com ventiladores; uma machina authomatica para preparar arroz glacé, um lustrinho, elevadores, transmissões e conductores para o serviço e despoldamento de café; dois grandes tanques de cantaria com seos canaes conductores para lavagem e direcção do café cereja, um separador e lavador das terras, um despoldador dobrável (Ledgerwood), com grande moega, separadores de café despoldado, dois tanques de cantaria para o mesmo café antes de ir o batedor; um batedor americano respectivo tanque. Para farinha polvilho. Um lavador mechanico com raspagem, uma cevadeira, uma prensa, um coador, mechanico da massa, um forno rotativo, para torrefação da mesma, quatro tanques cimentados para, uma grande roda motora de madeira, que transmite o movimento a todos estes machinismos, transmissão especiaies e elevadores.

Em 1891, os herdeiros resolvem vender a fazenda, e como se observa na escritura de compra e venda, que relaciona, ainda, além de todos os bens acima descritos, “três aradores”, motores hidráulicos e 300 mil pés de cafés.

A Fazenda da Cachoeira sobreviveu até os fins do século XIX, apesar das previsões de Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras, feitas em 1851. 